

<https://doi.org/10.5965/24471267822022011>

Inventário De Temporalidades (notas cartográficas)

Inventory Of Temporalities
(cartographic notes)

Inventario de temporalidades (notas
cartográficas)

Annaline Curado¹

¹ Mestra em Artes Visuais (UDESC). Doutoranda em Educação (PPGE UNICAMP), onde desenvolve a pesquisa.: MAR-Metodologias Artísticas Relacionais. Professora Assistente da Universidade Federal do Sul da Bahia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5024260186349439> Número ORCID: [0000-0003-0639-6598](https://orcid.org/0000-0003-0639-6598) E-mail: annaline@ufsb.edu.br

RESUMO

Pistas de presenças e potências poético-educativas, cartografadas ao longo de meu percurso de pesquisa como artista-caminhante-professora em um período de andança e mudança do Recife-PE (onde trabalhei como professora substituta do curso de Artes Visuais da UFPE, entre 2017 e 2018) ao Sul da Bahia (onde trabalho como professora efetiva da UFSB, desde 2019), passando pelo Centro-Oeste (onde nasci). Uma composição que venho fazendo em Campinas-SP (onde realizo minha pesquisa de Doutorado em Educação na UNICAMP, desde 2021). Inventário (listado e inventado) de tempos, mais que verbais, situacionais. Notas escritas em contextos singulares, que carregam sementes da pluralidade de outras experiências que podem surgir a partir da comunidade de leitoras que as encontrarem por aí/aqui. Sob experimentar formas de compartilhar processos de pesquisas acadêmicas e além. Das teses que escrevemos ontem a partir do que se viverá amanhã, com as palavras de hoje.

PALAVRAS-CHAVE

Temporalidade; Presença; Percurso; Escrita Poético- Cartográfica; Pesquisa.

ABSTRACT

Traces of poetic-educative presences, cartographed along my research path as an artist-walker-teacher in a transition period from Recife-PE (where I worked as a substitute teacher of the Visual Arts course at UFPE, between 2017 and 2018) to South of Bahia (where I work as an effective professor at UFSB, since 2019), passing through the Midwest (where I was born). A composition that I have been doing in Campinas-SP (where I carry out my Doctoral research in Education at UNICAMP, since 2021). Inventory (listed and invented) of times, rather than verbal, situational. Notes written in singular contexts, which carry seeds of the plurality of other experiences that can arise from the community of readers who find them around/here. Under experimenting with ways to share academic research processes and beyond. From the theses we wrote yesterday from what will be lived tomorrow, with the words of today.

KEY-WORDS

Temporality; Presence; Route; Poetical-Cartographic Writing; Research.

RESUMEN

Pistas de presencias y potencias poético-educativas, cartografiadas a lo largo de mi recorrido de investigación como artista-caminante-docente en un período de deambular y transición de Recife-PE (donde trabajé como docente suplente del curso de Artes Visuales en la UFPE, entre 2017 y 2018) al Sur de Bahía (donde actué como docente efectiva en la UFSB, desde 2019), pasando por el Centro Oeste (donde nací). Una composición que vengo haciendo en Campinas-SP (donde realizo mi investigación de Doctorado en Educación en la UNICAMP, desde 2021). Inventario (enumerado e inventado) de tiempos, más que verbal, situacionales. Notas escritas en contextos singulares, que llevan semillas de la pluralidad de otras experiencias que pueden surgir de la comunidad de lectores que las encuentran por aquí/allí. Experimentar formas de compartir procesos de investigación académica y más allá. De las tesis que escribimos ayer de lo que se vivirá mañana, con las palabras de hoy.'

PALABRAS-CLAVE

Temporalidad; Presencia; Trayectoria; Escritura poético-cartográfica; Investigación.

“Exu matou um pássaro ontem, com a pedra que arremessou hoje”. Itán da cultura tradicional lorubá.

Futuro Do Presente Indicativo

Poucos centímetros de colchão me afastam do chão em que me encontro. Não são o bastante para impedir a passagem do frio que vem da terra. Sim, eu desconhecia essa Bahia, fria e chuvosa, que vem se apresentando a mim nas últimas duas semanas. A gente sempre desconhece e se reconhece nesse não conhecer. Estou na casa de um recém-conhecido, que aceitou me acolher nesses meus últimos dias aqui. Fazia tempo que eu não recorria ao Couchsurfing (plataforma online de hospedagens solidárias) para encontrar um lugar onde ficar, mais uma vez ele me veio a calhar. Confesso que cogitei alugar um quarto, procurar pousada, hostel, qualquer uma dessas modalidades pagas com dinheiro, mas não foi por aí. Talvez por uma insustentabilidade minha, ou pela força mesmo dessa linha que sempre me conduz a essas gentes que acreditam ainda no valor das trocas de sementes. Meu anfitrião me disse ontem que estava acostumado a receber viajantes, mochileiras, e que eu (apesar de ter vindo de mochilão também) era a primeira pessoa que vinha “a trabalho”. De repente percebi que estava camuflada: desta vez sou “candidata à professora”. Vir para concurso não caracteriza viagem?

Fiquei sem chão, desde que a prova foi adiada me senti intimada a sair dos livros em que me encontrava e chegar. Aterrei-me aqui, sim, em estado de viagem. Disso que seria mas ainda não é, não sou, não somos, esse devir alguma coisa que nos move para além do que estamos. O que você vai ser quando crescer? Marinheira, eu respondia. Ele que me vê como professora em trânsito, não sabe, mas, isso de ser andarilha talvez seja minha característica mais estruturante. Minha não, nossa. Outro dia, o Mia Couto me contou, num texto lindo (O Incendiador de Caminhos, do livro “E se Obama fosse africano?”, 2011), que dos aproximadamente 250 mil anos que temos como espécie, 12 mil são de sedentarismo para quase 240 mil de nomadismo. Eu, que sempre achei que tivesse a memória fraca, agradeço às ancestralidades que se presentificam cada vez que escuto meu corpo falar.

Eu pretendia falar aqui de arte, corpo, do corpo-cidade, do caminhar como prática poético-político-pedagógica de resistência, mas ontem um desvio de percurso mudou os rumos de minha escrita. Estava de bicicleta, pernas já cansadas, quiçá desacostumadas com o tanto pedalar. Foi cortando caminho, para evitar a ladeira, que cheguei sem querer à orla. Bastaram poucos segundos para eu entender o que o acaso queria me fazer ver: lá estava, o mar, todo deitado no infinito, iluminado pela lua cheia! Aquela cena me encheu de um silêncio tamanho, lembrei do que realmente me faz caminhar: o amor. Amor por horizontes! Escuto neles mensagens daquilo que pulsa no entre, dos encontros possíveis! Sempre quis colocar uma carta dentro da garrafa de vidro e jogá-la para atravessar o oceano ao encontro dessas

outras, que um dia quiçá a encontrariam. Tantas outras que vivem do lado de lá desse horizonte que cá está, que aqui nos une e nos convida a seguir, rumo às confluências do caminho. Eu pretendia falar de arte, corpo, do corpo- cidade, do caminhar como prática poético-político-educativa de resistência, mas preferi falar de amor e de horizontes. De repente me pareceu que, nesses tempos em que o ódio se alastra por ondas midiáticas, enrijecendo muros, individualismos, epistemicídios, racismos, antagonismos, precisamos fortalecer nossas táticas de disseminação do que nos faz perceber e querer estar juntas. (...) parei aqui!

Por amor aos horizontes (fragmentos de um rascunho engarrafado) Greve dos caminhoneiros, maio de 2018. Porto Seguro-BA.

Não sei o que os grilos dizem lá fora, se falam do aumento da gasolina, se comemoram o que comeram no jantar. São constantes em seu dizer. Há sempre um dito, mesmo nas cenas mais silenciosas. Acabo de saber o que o silêncio do dia tinha para me comunicar. Quando alguém para, mexe com as regras de distância estabelecidas no lugar. Eu estive parada aqui, há poucos dias. Achei que estaria perto do mar, mas o litoral me reservou litros de chuva, conversas de grilos e livros e livros, muitos livros. Parei dentro de casa e me aproximei de relatos, textos, experiências de gentes de outros lugares. Fiquei longe da internet, da rua, das estradas, mas, mesmo assim, os caminhoneiros chegaram até mim. Pararam e nisso alcançaram o país inteiro! O concurso para o qual me inscrevi, motivo que me trouxe aqui, foi também pausado. Hoje o dia parecia mesmo mais calado. Eram os grilos nos dizendo que nossos passos estão todos interligados. Anunciam a necessidade de mudança. Parar para a roda perceber quanto o ar, mesmo invisível, é imprescindível para lhe mover.

Quando o lut(ar) se faz presente. Ainda em maio de 2018. Porto Seguro-BA

Imperativo Afirmativo

Cadeiras de espera, lado de dentro, ar-condicionado gelando. Emergência ortopédica. Pessoas sentadas, deslocam-se, quando preciso, com dificuldade. Crianças se reconhecem em seus corpos rebeldes, brincam pelos corredores. Um menino, de uns três ou quatro anos, se destaca do grupinho e tenta abrir a porta. A mãe se assusta e fala que se ele mexer na porta vai machucar a mão. O menino recua, fica 2 segundos sentado e, decidido, vai novamente em direção à porta. Coloca toda sua força nessa segunda tentativa. A mãe ressalta o perigo envolvido na ação, ele responde: mas mãe, eu preciso ver a chuva! Como eu vou fazer pra ver a chuva?

Emergência ortopédica, Campo Grande-MS, 2017.

Duas crianças de aproximadamente 5 e 7 anos, irmãs, acompanhadas da mãe, esperam o horário do voo na sala de embarque do aeroporto. Depois de passarem os primeiros dois minutos quietas e sentadas, a menina se levanta e começa a correr em volta das cadeiras. Dá três voltas e chega em frente à sua mãe dizendo: "ganhei a corrida, mamãe". De repente o irmão entra na raia lateral e começa a competir

também. Cansadas de tanto correr, resolvem brincar de pique- esconde. A menina propõe que em vez de eles se esconderem ela esconderia um brinquedo: seu arquinho de cabelo. A mãe e o irmão deveriam procurá-lo! Ela pede que fechem os olhos enquanto procura um esconderijo para o brinquedo ao redor da sala de embarque, lotada de malas e pessoas entretidas com seus smartphones. Confusa com a fartura e escassez de possibilidades de esconderijo que aquele espaço todo oferecia, a menina encontra o refúgio perfeito: levanta sua camiseta e esconde o brinquedo junto ao seu próprio corpo! Um esconderijo ambulante: onde ela passa vai transformando o espaço em brinquedo! Pelo menos outras seis pessoas, como eu, são trazidas para o presente, envolvidas pela brincadeira.

A brinquedização do espaço, estar de corpo presente. Aeroporto, 2017.

Presente Do Subjetivo

Saí atrasada de casa. Faltavam 3 minutos, dizia o aplicativo. Nem sempre ele tem razão, mas desta vez ele talvez tenha sido terrivelmente pontual. Foram 2 minutos até a esquina, senti o almoço pulular dentro de mim. Sinal aberto, para os carros. Vejo o ônibus se aproximar do ponto, uma quadra e meia de distância de mim. Aproveito para atravessar num intervalo mínimo entre um carro e outro, numa precisão matemática irracional. Falta apenas uma rua, alguns passos, estico o braço: ele passa reto! O sinal segue aberto, para os carros. Tento correr, ele me ignora. Pauso, respiro, desisto por alguns segundos. Levanto a cabeça e ainda o alcanço com o olhar. O sinaleiro, lá adiante, muda de cor: vermelho-esperança! Recomeço a correr, o ônibus, como um bicho arisco, foge. Paro em frente a um operário da construção, pingo cansaço e suor. O homem olha pra mim, me vê e não enxerga a desistência que começava a me cobrir. Apontando o sinaleiro, ainda fechado, ele diz: “vai até o fim!” Aceito o desafio (ou será o elogio?) e sigo em passos largos, numa velocidade que nem sabia possível. O vermelho do sinal começa a perder seus ponteiros em contagem regressiva: 5, 4, 3, 2..... O motorista olha mensagens no celular. Bato no vidro, ele abre a porta sem tirar os olhos do telefone. Aceno com a mão em agradecimento ao operário, que me responde ao longe, atento, com entusiasmo e satisfação. Sento, suando e sorrindo.

Apreendi com um “operário em construção” (poema de Vinícius de Moraes) a dizer NÃO aos meus padrões internos. Recife-PE, 2018.

Saí da UFPE às 17h:15, agora são 18h:15. Estou no ônibus Dois Irmãos (Rui Barbosa). Poderia pegar o Rio Doce/CDU, mas prefiro passar por Dois Irmãos e lembrar que em Recife tem verde do que passar pela Av. Caxangá e lembrar que ela é o maior cinza em linha reta da América Latina. Quando não tem trânsito (bons tempos!) o Rio Doce/CDU chega mais rápido, quando tem trânsito... outros fatores ganham a preferência. Já se passou uma hora! Eu dormi, minha perna dormiu, a moça do meu lado dormiu, acordou e já desceu. Acordei. Ainda não chegamos na Universidade Rural. Tô com sede! Ainda bem que lembrei de ir ao banheiro antes de

pegar o ônibus. Uma ambulância passou com a sirene ligada, deve ter sido acidente. Aos poucos, as pessoas que desceriam relativamente perto pedem pra sair. Melhor ir a pé, né? Eu adoro caminhar, até iria andando, se minha casa não fosse tão longe. “Longe” é uma palavra que ganha uma outra dimensão aqui no Recife. As coisas ficam “longe” não necessariamente porque distam muitos quilômetros uma da outra. “Longe”, tarde da noite, pode ser ter que andar três quadras escuras. “Longe” pode ser só pelo fato de ser uma mulher andando na rua sozinha. O medo pode exercer muito poder sobre a definição de distâncias. Estamos parados há 30 minutos. Ainda bem que consegui um lugar para sentar, na última fileira, ao lado da janelinha. Se eu morasse perto do trabalho não pegaria todo esse trânsito. Dizem que morar perto do trabalho é qualidade de vida. Pautar a vida pelo trabalho. Quem foi que inventou essas medições de qualidade? Ainda não me convenceu. Chegamos na UFRPE! Até bateu um vento na janela. Eu tava quase concordando que precisava melhorar minha qualidade de vida. Minha dor nas costas é um fator convincente! Da casa pro trabalho, do trabalho pra casa. Não! Há de haver outros pontos nesses trajetos de vida: cinema, uma peça de teatro, uma gira no terreiro, um abraço no Baobá, um banho de mar. Tô precisando tomar banho mesmo. Que cansaço! Hoje é sexta feira, dia de sair, se divertir. Tem gente tomando cerveja no bar ali fora. Ai, que sede! Se eu morasse perto do trabalho já estaria em casa. 19h, ainda estamos na UFRPE. Mais uma pessoa desistiu. É preciso resistir! Carros, carros, buzinas, nenhuma ciclovia. Andar de bicicleta aqui é pura resistência. Confesso que meu nível de atenção depois de dar aula o dia inteiro não me deixa segura pra enfrentar a complexidade desse trânsito! É muito “longe”! BRTs passam ao lado, lotados, pessoas amassadas sob o ar-condicionado. Da casa pro trabalho, do trabalho pra casa. Tá tudo tão parado que nem dá pra identificar um contra-fluxo. Trânsito apertado, nem os motoqueiros tão conseguindo costurar por entre os carros. Tem um ali levando um sofá, ai que vontade de deitar! Minha perna dormiu de novo. Estamos chegando em Casa Forte, parados embaixo da ponte. Pessoas ao telefone desculpam seus atrasos: é o engarrafamento! Buzinas, cheiro de carburador. Antes de Casa Forte, um consolo pro olhar: o açude de Apicucos. Se eu morasse perto do trabalho não passaria por aqui. Minha caneta tá acabando. O ônibus começou a fluir. Fecho os olhos pra sentir o vento. Cheiro de comida! Acho que tô com fome! Dor nas costas, levanto o braço pra me alongar, o moço do lado faz cara feia. Sim, tô precisando tomar banho. Casa Forte, agora tá andando! Espero que não tenha trânsito na Rui Barbosa. 19h20. Já faz duas horas que estou aqui dentro. Dizem que João Pessoa fica há duas horas de Recife. Se eu morasse lá já tinha chegado em casa. Pois então, não era acidente! Engarrafamento normal mesmo. Deve ser porque as pessoas moram longe de seus trabalhos. Se todo mundo morasse perto não tinha engarrafamento. Pra que pensar em planejamentos de mobilidade urbana, né? Bora todo mundo dormir no trabalho, minha gente! 19h40 cheiro de mangue, cheiro de rio, Capibaribe ao lado. Eu já tava sonhando com o chão da sala de dança da UFPE (onde trabalho). Que bom que era só sonho (ou será desses pesadelos que eles andam aprovando diariamente lá no Congresso...) 19h50. Cheguei!

Sob a imobilidade urbana e os pesadelos da reforma trabalhista, Recife-PE, 2017.

Pretérito Mais-Que-Presente

Hoje teve Arruaça na Praça da Várzea em Recife. Foi um absurdo! Viu-se a infância espalhar-se por toda parte, parece que a contaminação foi séria! De repente tinha um monte de gente brincando. Fantasias feitas de materiais naturais ajudaram a revelar as identidades secretas dos arruaceiros: eram crianças grandes e pequenas, de todas idades! Portavam pincéis, tintas feitas de terra, café, papéis, giz, ferramentas que utilizaram para expressar criatividade. Um perigo! Dizem que alguns alegaram também porte de sinceridade, tranquilidade e até alegria. Quem diria? Quem viu de fora se assustou com a anarquia! Criança ensinando universitárias a fazer pipa, gente que ainda nem nasceu escutando história que faz pensar. Não dá pra imaginar! Investiga-se a possível ligação do evento com práticas transgressoras da arte-educação. Cuidado, a imaginação pode estar solta em espaço público!

Arruaça, realizada com a turma de Expressão Plástica Infantil 2018-2. Uma das últimas atividades que participei como professora substituta do curso de Artes Visuais da UFPE, Recife-PE, 2018.

Gerúndio Do Futuro

Céu azul no planalto central, o cerrado verde-seco me inunda os olhos. É hora de mais um tchau. Eu que sempre rio, venho desaguar no mar da Bahia. Ao horizonte do cerrado, meu muito obrigado por sempre me guiar. As sinuosidades conduzem à sinceridade de cada momento. O mar, que de longe parece reto, de perto é ondas, curvas, movimento.

No trajeto entre Brasília e Porto Seguro-BA, Junho de 2019.

Pretérito Do Presente Afirmativo

Há dez anos, estava eu fazendo meu penúltimo ano de estágio (dos 6 ou 8 que fiz na licenciatura em Artes Visuais), quando, de repente, fui surpreendida por uma mudança estrutural na programação da escola! As aulas de artes foram alteradas para um dia em que eu não poderia comparecer. Tive que interromper o processo. Não consegui nem me despedir da turma, a qual já havia me afetivado. Não encontramos outra escola que aceitasse que eu entrasse assim, já na metade do semestre. Foi então que recebi a notícia de que havia sido selecionada para participar de uma residência artística. Atraída por esses lugares entre a casa e a viagem, pensei que aquele seria um terreno fértil também para práticas pedagógicas. Conversei com a professora de estágio, defendi a proposta: fazer de minha participação na residência o meu estágio de docência. Ela apoiou e a legislação interna da Universidade não proibiu. Foi assim, que na troca cotidiana, seja conversando sobre programação, arte,

educação, ou cozinhando uma farofa de banana, a aprendizagem mútua se deu. Era todo mundo artista, tudo aprendiz, tudo gente educadora, dessa educação que se dá quando a gente está à disposição do encontro. Aquela eu lá, de anos atrás, não imaginava, que estaria aqui agora, na Bahia, na UFSB, em pandemia... e que a gente conseguiria fazer de uma Residência Artística Online este espaço de aprendizagem fluído. Um sopro de ar nos pulmões que andam meio sem saber como respirar. Esse ar me faz acreditar que a mediação das telas e da distância tentam atrapalhar mas não impedem o encontro quando é de acontecer, Essa não é uma defesa do ensino remoto, é sim uma louvação à nossa capacidade de hackeá-lo a favor do que fortaleça a manutenção da vida. Agradecida a todas parcerias, que em breve a gente possa se encontrar também ao vivo, em uma live sem telas mediadoras.

Encerramento da 1ª Residência Artística do CFAC- UFSB, da qual participei como parte da equipe de organização e tutoria. Porto Seguro-BA. 2020.

Participio Infinitivo Composto

É impossível mesmo sempre se chegar na hora. Na hora da pressa, do progresso, do preço. O relógio não sabe da missa um terço. Ou talvez até saiba da missa, mas não de Tempo. Esse que nos atravessa, tempo que sabe o que interessa. Tempo que nos trouxe até aqui: LIVE de lançamento de ORIKÌ! Foi tentando desenhar Tempo que percebi que para desenhar Inkisi/Orixá eu tinha que deixar fluir as linhas de dentro, precisava escutar as ondas do silêncio, tinha que habitar os caminhos do vento. Desenhar Tempo me ajudou a perceber que cada traço tem seu porquê, seu momento, que cada desenho é um assentamento: pede licença, atenção, oração, alimento! O Tempo de ORIKÌ me apresentou na escuridão, fundamento. Ao Tempo e todas as forças que nos reúnem aqui, manifesto meu profundo agradecimento!

Evento de lançamento do curta de animação ORIKÌ, do qual tive o prazer de participar. Filme fruto do projeto de extensão coordenado por minha colega querida, professora Pâmela Peregrino. Porto Seguro-BA, 2020.

Referências

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano? : e outras intervenções**. 1ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MUNIZ, Jader. **Vinicius de Moraes e O operário em construção**. Amaranta Editorial, 2021.

OLIVEIRA, Flávia. **As voltas que o munda dá**. Em Portal Geledés: <https://www.geledes.org.br/as-voltas-que-o-mundo-da/> acessado em 3/05/2022.

A live de Lançamento do **Filme ORIKÌ**, menciona no texto, pode ser acessada em: https://www.youtube.com/watch?v=0wKRunz-M_E o filme pode ser acessado aqui.

Submissão: 30/06/2022
Aprovação: 24/08/2022